



Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Vivian Caccuri

Meu nome é Vivian Caccuri, eu sou artista plástica e eu trabalho principalmente com som, performance, instalações sonoras e já estou fazendo isso há bastante tempo [já faz uns 15 anos mais ou menos]. Eu presto bastante atenção no som como um fenômeno expandido. Não só como um fenômeno físico; uma espécie de energia, mas algo que tem características sociais, características políticas... Então estou muito interessada em como que ele traz pessoas junto, como que ele modifica estruturas sociais, como que ele também revela coisas sobre algumas culturas, algumas situações que a gente vive nos tempos de hoje e também na história. Eu também gosto muito de pesquisa histórica e acabo inserindo muito disso no meu trabalho.

Eu comecei muito nova. Eu tinha mais ou menos 16 anos quando fiz a minha primeira instalação e minha família é uma família de músicos. Eu sempre toquei piano, gostava muito de desenhar, era uma criança artística. Isso era uma forma minha de expressão, porque eu sempre fui muito tímida. Acho que hoje estou um pouco curada deste problema, mas eu era muito tímida e a arte pra mim é uma plataforma de comunicação. Eu acho que eu consigo me comunicar bem através do meu trabalho, então é uma forma de eu conseguir chegar no outro; através dessas formas, através dessas propostas. Para mim é quase uma desculpa para eu querer falar com a sociedade.

Eu tive um sonho de ser médica, mas passou muito rápido. Apesar de eu ter sido uma aluna muito CDF, eu vi o que eu queria fazer. E também comecei a ir na Bienal de São Paulo e nas exposições e eu achava aquilo simplesmente fantástico e quase mágico de como se materializava um trabalho de arte ali na sua frente, daquele jeito, com aquela potência, e eu achava que aquilo realmente não era de um dia para o outro que você faria e você teria que realmente aprender aquilo. Então eu fiquei fascinada por isso mesmo. Foi indo nas posições e também foi na minha própria prática; desenhando, fazendo coisas, querendo realmente saber mais sobre isso e entender outros artistas, aprender mais coisa. Acho que foi mais essa sede de entender mais.

Eu até evito esse termo artista sonora porque ele reduz muito o que eu faço. Eu me considero mais uma artista plástica, entendendo que o som também é um material. Eu também tenho muitos outros elementos dentro do meu trabalho que não é só o som, então

tem elementos escultóricos, visuais e que estão diretamente ligados à cultura musical, por exemplo. Eu trabalho com soundsystem, trabalho com instrumentos de percussão, agora por exemplo eu trabalho com telas de mosquito e eu estou falando sobre mosquitos e som de mosquitos. Então acho que restringe muito uma artista se definir como artista sonora, sendo que a gente precisa de outros elementos para entregar e criar esse mundo conceitual e artístico na cabeça da pessoa; do público.

A dificuldade maior é talvez o tempo e a atenção das pessoas hoje. Acho que existem instituições que são muito amigáveis para que você consiga criar um clima; para que esse público entre no seu trabalho, se entregue e preste atenção ou simplesmente se deixe seduzir, porque eu acho que o trabalho que realmente é eficaz é aquele que você não precisa fazer força, mas que vai te chamando para dentro. É um desafio para o artista ter que concorrer com todas as redes sociais, todos os estímulos do celular e toda a falta de tempo que esses gadgets geram na vida de uma pessoa que tá suscetível a toda essa tecnologia.

Cada ideia para mim vem de uma maneira e eu tenho que tratar ela de uma maneira diferente. Tem várias ideias que às vezes eu não sei o que fazer com elas e eu guardo. Aí é importante você saber guardar as ideias e também saber encontrar suas ideias, porque não adianta você ter as ideias, guardar e depois não saber encontrá-las, porque eu acho que tem que existir uma maneira de você conviver com essas ideias que você teve há um certo tempo e poxa “isso aqui se juntar com aquilo ali vai dar caldo”. Então acaba que muitas das ideias que eu mais gosto dentro do meu trabalho vieram assim; de eu ter deixado elas ali meio que amadurecendo e esperar um elemento externo chegar para que elas se complementem e se concretizem. É aquela máxima bem clichê de que a inspiração é só um pedaço e a maior parte é realmente um trabalho executivo - e é mesmo. Tem coisas que são altamente experimentais que você precisa gastar de fato meses dentro da fazer, do processo. Agora, por exemplo, eu estou realizei um soundsystem de rapadura e demorou pelo menos uns 7 meses para gente conseguir ter uma caixa de rapadura que funciona, que não dá formiga, que não derrete... Então são coisas que a gente precisa ter uma paciência às vezes científica mas com uma paixão que tem que ser um pouco calma às vezes, porque eu acho que quando a gente é jovem, a gente quer as coisas rápido e também as vontades passam muito rápido... mas se você quer realizar alguma coisa, não adianta: tem que ter um pouco de calma e esperar as coisas se concretizarem e, claro, ser detalhista na hora de avaliar “isso aqui está bom, isso aqui não está, isso precisa mudar, esse som precisa ser melhor, preciso captar esse som melhor, preciso gravar de outra maneira”. Então, dentro da ideia que você vislumbrou ou dentro das sensações que você está sentindo, tudo isso são mensagens que você traz para dentro do seu processo para que esse objeto expresse tudo o que você quer.

Acaba sim tendo alguns projetos frustrantes. Eu acho que os mais perigosos são as performances porque você sente que você pagou um mico. O ideal é você simplesmente fazer mais, pegar e fazer outras coisas e continuar fazendo, porque o que ajuda a gente hoje é a velocidade dos acontecimentos. As pessoas muitas vezes não vou lembrar e às vezes nem você mesmo vai lembrar ou você vai lembrar o que interessa para você, que muitas vezes é o aprendizado que vem disso. Claro que quando a gente é novo, às vezes a gente fica um pouco sentido, traumatizado, travado, mas passa. Tem que ter a fé de que isso passa e é só continuar fazendo mais, porque se você ficar parado, aí que você vai ficar realmente sentindo aquela dor.

Eu tenho algumas formas de guardar as minhas ideias. Eu tenho cadernos, claro, acho que são uma forma muito prática e também desenho essas ideias. Às vezes elas vêm de forma

mais visual, às vezes de forma mais conceitual. Então, quando elas vêm de forma mais conceitual eu uso um programa chamado Evernote e nesse programa eu tenho um caderno que é só de ideias e aí eu vou jogando lá. Tem ideias que estão lá há anos e às vezes são ideias ruins, mas às vezes elas te levam a outras. Então, você precisa ter ideias ruins. Isso é um fato. Se você não tem as ideias ruins, você não vai ter as ideias boas, porque as ideias boas muitas vezes não vêm prontas. Às vezes elas vêm a partir de uma ideia ruim. Então você não pode ficar filtrando, pelo menos na minha experiência, não adianta eu ficar filtrando ou me reprimindo. Não posso ter medo do ridículo, das ideias ridículas ou às vezes impossíveis. Tenho que escrever tudo isso, porque às vezes te abre portas para novas ideias. Então, o Evernote é uma boa ferramenta, porque ela é acessível no celular e tudo o que você escreve no celular aparece no computador, então é ótimo. Eu também faço às vezes cadernos de imagens. Por exemplo, agora estou pesquisando trio elétrico. Fiz um caderno só de inspirações do que é um trio elétrico, de onde veio, quem está trabalhando... e não são cinco imagens, são duzentas imagens. Tem horas que você precisa ir no excesso para conseguir se sentir dentro do assunto.

Bom, eu acho que agora é um momento super positivo para as mulheres começarem ou continuarem a trabalhar. Nunca houve tanto interesse e tanta visibilidade para as mulheres que trabalham com som. Acho que há alguns anos atrás a estrada era mais difícil e agora eu acho que a grande vantagem para quem começa hoje é não se sentir sozinha. Então, quem começar hoje vai ter outras amigas; vai ter parceiras nesse caminho, sabe? Então, o que é mais importante na hora que você está ali se sentindo acuada ou talvez em dúvida, é que você não está sozinha. Tem muita gente que está na mesma situação que você; outras pessoas já viveram e já superaram isso e o que é mais legal é você tentar encontrar outras pessoas, outras meninas, outras mulheres, se espelhar em outras mulheres que você admira; mulheres que já estão num lugar onde você admira ou almeja. É sair daquele nosso casulo de introspecção e procurar as outras, as manas. Ali tem muita vitalidade.